

Para Onde Vai a Siderurgia no Brasil?

Há exatamente um século atrás foram descobertas as gigantescas reservas de minério de ferro de Minas Gerais. Foi uma notícia muito promissora para o Brasil, que então exportava somente matérias primas e havia acabado de perder uma de suas principais fontes de divisas, a borracha extraída na região amazônica. O café, embora em seu período áureo, não gerava renda suficiente para pagar as importações do país.

Naquela época a siderurgia era uma indústria ainda jovem e em franco desenvolvimento. A tecnologia para produzir aço bom e barato havia se tornado essencial à soberania das nações, sendo possível compará-la ao que o domínio da fabricação de armas nucleares representa hoje. Não foi à toa que uma das primeiras medidas dos Aliados contra a Alemanha derrotada foi o desmantelamento de sua siderurgia, tanto na I como na II Guerra Mundial...

A partir dessa época o Brasil passou a sonhar em dispor de uma siderurgia forte para fomentar seu progresso e importância geopolítica. Muitos políticos, como o então governador mineiro Artur Bernardes, recusavam-se a permitir a mera exportação do

minério, considerada aviltante e colonial. Essa visão, mais os percalços econômicos, fez com que sua exploração se iniciasse somente a partir dos anos 1940. Nessa mesma época foi construída a primeira grande siderúrgica nacional, em Volta Redonda, como contrapartida americana à participação do Brasil na II Guerra. O setor, então estatal, se expandiria continuamente ao longo dos 35 anos seguintes, impulsionado pela euforia econômica do pós-guerra e pelo milagre brasileiro. Entre 1980 e o fim do milênio a expansão siderúrgica no Brasil arrefeceu, acompanhando a estagnação mundial do setor que havia se iniciado com a crise econômica dos anos 70.

No início do novo milênio essa situação parecia irreversível. Chegou-se mesmo a se propor um plano global de desativação de siderúrgicas obsoletas para reduzir o excesso de capacidade produtiva. Foi então que a China surpreendeu o setor, revelando um enorme apetite por minério e produtos siderúrgicos que se estendeu por vários anos. Mas todo triunfo traz dentro de si o germe de sua destruição. Essa situação permitiu que os poucos fornecedores globais de minério de ferro e carvão elevassem assustadoramente



QUEIMADORES INDUSTRIAIS

- INSTALAÇÕES COMPLETAS
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA
- PROJETOS

Queimadores Industriais



- Queimadores para Aquecimento de Ar
- Queimadores para Forno
- Queimadores de Imersão
- Queimadores Infravermelho
- Queimadores de Oxigênio

Componentes e acessórios de combustão a gás



Queimadores para caldeiras



Pressostatos para Ar e Gás



Painéis de Comando e Sistemas de Combustão



Vaporizadores





Os 5 fornecedores preferidos pelos leitores do NEI em 441 categorias de produtos.

Tel.: (XX 11) 4596-5757

www.combustherm.com.br

import@combustherm.com.br

seus preços, sem que a demanda desse sinal de arrefecimento.

A forte crise de 2008 fez com que a demanda mundial por produtos siderúrgicos caísse bastante, assim como seus preços. Mas mesmo essa queda não se refletiu no preço das matérias primas do setor, provocando uma alteração brutal na distribuição dos lucros ao longo da cadeia siderúrgica, em favor de seus fornecedores. Hoje só usinas extremamente competitivas (ou subsidiadas) conseguem competir nesse mercado.

Já o Brasil manteve-se praticamente ao largo dessa depressão, com exceção do setor siderúrgico, duramente atingido pela queda nas suas exportações. O consumo nacional de produtos siderúrgicos bateu recordes em 2010, mas as usinas locais, ainda operando abaixo de sua capacidade, foram barradas nesse baile por não conseguir fazer frente à concorrência estrangeira. Foram importadas quase seis milhões de toneladas de aço, cifra que constitui a produção de uma usina de grande porte.

Essa situação levanta algumas dúvidas. Será que vale mais a pena exportar minério do que produzir aço? Pode ser que sim, mas por que então há siderúrgicas estrangeiras que ainda continuam exportando? Qual o segredo de seu sucesso? Subsídios velados e desvalorização cambial pode ser parte da resposta. Mas a redução dos custos produtivos também entra nessa equação, através de baixa carga tributária, logística eficiente, equipamentos e processos modernos, rápida introdução de inovações tecnológicas e recursos

humanos capacitados (e não meros proprietários de diplomas).

Como reverter essa situação num país onde a carga tributária é absurda, o investimento em infraestrutura padece de inércia paquidêmica, e modelo ou jogador de futebol são as profissões com as quais os jovens sonham? O fato é que, no mundo de hoje, é necessário muito esforço para fazer valer nosso berço esplêndido - que, a longo prazo, pode ser mais uma maldição do que uma bênção. Essa vantagem inicial já foi superada com relativa facilidade por países com muito menos sorte do que o nosso, mas onde educação e organização são artigos de primeiríssima necessidade. Basta comparar o que ocorreu ao longo dos últimos trinta anos com o Brasil e a Coréia do Sul. Se, de fato, queremos ter uma siderurgia forte, não há outro caminho. **IH**



Antonio Augusto Gorni

Engenheiro de Materiais pela Universidade Federal de São Carlos (1981); Mestre em Engenharia Metalúrgica pela Escola Politécnica da USP (1990); Doutor em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (2001); Especialista em Laminação a Quente. Autor de mais de 200 trabalhos técnicos nas áreas de laminação a quente, desenvolvimento de produtos planos de aço, simulação matemática, tratamento térmico e aciaria.

O PARCEIRO NO MERCADO DE FORNOS INDUSTRIAIS!

A Metaltrend apresenta soluções completas e inovadoras, baseadas em tecnologias avançadas.



METALTREND

www.metaltrend.com.br

METALTREND EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS LTDA.

Escritório: Av. Interlagos, 6872 - Interlagos - 04777-000 - São Paulo - SP - Brasil
 Fábrica: R. João de Moraes esquina com a Rod. Alkandar Monteiro Junqueira (SP 63) Km 35 + 50m - Portal São Marcelo - 12918-157 - Bragança Paulista - SP - Brasil
 Tel: +55 11 4058.7660 - Fax +55 11 4058.7701